

1. INTRODUÇÃO

1.1. INSERÇÃO DO PLANO

O Plano de Maneio Integrado do Arquipélago do Bazaruto, insere-se no contexto de assegurar o desenvolvimento sustentável do parque na base do uso equitativo dos recursos e promoção de actividades económicas de geração de receitas que contribuam para a melhoria do nível de rendimento das populações locais. Tem-se em vista também garantir a conservação do meio ambiente local através de medidas ecológicas que garantam a manutenção do valor de biodiversidade da região. Cumulativamente será assegurada uma maior coordenação dos programas que de alguma forma inserem-se no contexto geral do PNB.

Maior enfoque será dado a administração do Parque e a integração das comunidades locais, e operadores hoteleiros no maneio e gestão dos recursos do arquipélago, com vista a garantir a melhoria do seu nível sócio-económico e cultural.

O exercício da actividade turística, será uma componente importante a desenvolver no plano, atendendo as suas potencialidades para a geração contínua de receitas a longo prazo, a nível local e regional.

Visando no futuro conjugar os limites do PNB com os do arquipélago, através da revisão dos seus limites envolvendo, as cinco ilhas e uma parte da orla marítima adjacente a estas, o sistema será tratado como uma unidade integrada com a devida partilha de benefícios.

1.2. CONTEXTO ACTUAL

Com vista a definir um programa de gestão efectiva, o presente plano está dividido em dois volumes, que correspondem a:

VOLUME 1: contendo toda a informação relacionada com o PNB, necessária a compreensão do plano de maneio;

VOLUME 2: contendo o enquadramento do PNB, plano de zoneamento e maneio para a sua gestão efectiva;

Nestes termos o plano define as políticas e acções que guiarão o funcionamento do parque de modo a atingir os objectivos preconizados. Ele baseia-se num

exaustivo levantamento de várias componentes, da base de recursos ecológicos, turísticos, actividades sociais e facilidades infraestruturais, e operacionais.

O plano engendra-se no contexto da Política e Estratégia de Florestas e Fauna Bravia, pretendendo restabelecer o desenvolvimento do sector Agrário no nível a que este se submerge no desenvolvimento do país.

A elaboração do plano de maneio foi financiada pela União Europeia, através do projecto MZ0006 - Projecto de Utilização Múltipla dos Recursos do Arquipélago do Bazaruto implementado pela DNFFB com o apoio da WWF, e administrado pela EWT.

1.3. PROCESSO DE PLANEAMENTO

Envolvendo certas limitações de tempo e recursos, o processo de planeamento foi envolvente e participativo. O mesmo decorreu entre Fevereiro, 96 e Junho, 98 num processo dividido em três fases:

1. **Consulta:** consistiu no levantamento da situação actual do parque a sua operacionalidade no contexto local e regional; identificação de questões; e definição de uma linha de orientação para o desenvolvimento do parque;
2. **Definição de Opções:** pelo desenvolvimento e avaliação de uma série de estratégias alternativas que servirão para atingir os objectivos de gestão do parque; nesta fase também foi integrado o zoneamento do PNB de modo a regular a actividade dos utilizadores de recursos;
3. **Elaboração do Plano:** com a identificação das opções de desenvolvimento preferencial do parque; delineando as estratégias de maneio e compilando toda a informação de base importante para a execução e compreensão do plano;

2. LOCALIZAÇÃO

2.1. CONTEXTO REGIONAL

O arquipélago do Bazaruto constitui uma parte insular do sul de Moçambique que situa-se entre as latitudes 21°30' S e 22°10' S e as longitudes 35°22' E e 35°30' E , entre o Cabo São Sebasteão e Mambone, na costa nordeste da Província de Inhambane, entre os distritos de Vilanculo e Inhassoro. Com 600 km² representa 0.8% da superfície total da província de Inhambane.

A ilha do Bazaruto é banhada pelo canal de Moçambique, a Oeste pelas águas da baía, a sul pela confluência das águas do canal e da baía de Vilanculos. A norte termina por uma extensa língua de areia, a Ponta Dom Carlos.

A ilha de Santa Carolina, localiza-se entre a ilha de Bazaruto e a Sede do Distrito de Inhassoro.

A ilha de Benguérua situa-se imediatamente a Sul da Ilha do Bazaruto. Na sua porção setentrional apresenta-se a Ponta Muanha e sul a Ponta Cheringoma.

A ilha de Magaruque encontra-se a sul de Benguérua.

A ilha de Bangué encontra-se a sul de Magaruque.

2.2. ACESSO

O acesso ao arquipélago é por via aérea ou marítima. Para a população local, a ligação com o continente é feita em embarcações a vela de transporte de passageiros, ou de pesca, que fazem carreiras regulares para Vilanculos e Inhassoro.

Os turistas que visitam as ilhas, utilizam essencialmente a via aérea. No arquipélago existem cinco pistas de aterragem, duas em betão armado, nas ilhas de Magaruque e St. Carolina. As restantes três pistas de aterragem são relvadas duas na ilha do Bazaruto e uma na ilha de Benguérua.

Os estabelecimentos hoteleiros possuem barcos a motor que fazem a ligação ao continente e com as várias ilhas. A nível do continente, em Inhassoro o Hotel Seta faz o aluguer de barcos para transporte as ilhas.

Dentro das ilhas de Bazaruto e Benguérua os operadores turísticos possuem veículos de transporte, além da administração do parque, que também possui barcos a motor.

3. ESTATUTO LEGAL DO ARQUIPÉLAGO

A Direcção Nacional de Florestas e Fauna Bravía (DNFFB) é a instituição do Estado responsável pelo maneio e gestão do PNB de acordo com o ***diploma legislativo nº 46/71 de 25 de Maio de 1971.***

Em reconhecimento do carácter único do arquipélago do Bazaruto, as três Ilhas mais a sul, Benguéria, Magaruque e Bangué, foram proclamadas Parque Nacional pelo, ***diploma legislativo nº 46/71 de 25 de Maio de 1971***. A área marítima a este das Ilhas até a linha batimétrica dos 100 metros, e a área marítima oeste até a linha dos 5 km, foram incluídas dentro dos limites do parque. As duas restantes Ilhas do Bazaruto e Santa Carolina, foram declaradas zonas de vigilância especial.

Reconhecendo a importância e necessidade de um maneio adequado do Arquipélago, e considerando, que as Ilhas que compõem o Arquipélago fazem parte do mesmo sistema ecológico e social, pretende-se que estas tenham o mesmo estatuto e sujeitas ao mesmo tipo de maneio. Neste contexto pretende-se estabelecer uma unidade de gestão integrada ao nível das cinco Ilhas.

3.1. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DO PARQUE

Actualmente o Parque sustem um Administrador de Parque, um Chefe de fiscalização, fiscais e guardas de fauna escolhidos pela comunidade local os quais exercem as funções de educadores ambientais e fiscalização. Os guardas de fauna são eventuais a regime de tempo inteiro, funcionando como elo de ligação entre o Parque, comunidades locais, turistas e operadores comerciais

de pesca. Os mesmos procuram fazer chegar a mensagem da necessidade de conservar e utilizar racionalmente os recursos, assim como fazer chegar os problemas e anseios das populações locais.

Além desta estrutura o parque acomoda vários projectos de conservação através de agências não governamentais estrangeiras, nomeadamente: a EWT, que desenvolve o programa de guardas comunitários e a WWF, que desenvolve o projecto de uso múltiplo de recursos com base comunitária.

3.2. ADMINISTRAÇÃO TERRITORIAL DO ARQUIPÉLAGO

Em 1986, estabeleceu-se a actual divisão administrativa, onde as ilhas Bazaruto e Santa Carolina administrativamente pertencem ao Distrito de Inhassoro e, as ilhas Benguérua, Magaruque e Bangué ao Distrito de Vilanculos, na Província de Inhambane.

Apesar do arquipélago estar subordinado a dois distritos, apenas existe um único posto administrativo, o Posto Administrativo do Bazaruto, localizado nesta ilha e que é responsável pela administração cívica das ilhas de Bazaruto e St. Carolina, em representação da administração do Distrito de Inhassoro. As ilhas de Benguérua e Magaruque, são localidades do posto Administrativo de Vilanculo-sede.

Existem quatro postos policiais dentro do arquipélago, em Bazaruto, Santa Carolina, Benguérua e Magaruque, aos quais compete zelar pela manutenção da lei e ordem pública dentro do arquipélago do Bazaruto.

Com respeito a administração das águas territoriais, as Delegações Marítimas de Vilanculos e Inhassoro, são responsáveis pelo controle da faixa adjacente ao parque e pelo licenciamento e cobrança de taxas referentes a actividade pesqueira e de navegação marítima; nomeadamente a barcos, a pesca artesanal (de arrasto, a linha, submarina, apanha de ostras, holotúrias, gamboas, e outras) e outras actividades artesanais que necessitem de autorização, como a construção de barcos.

Um representante da administração marítima está baseado em Zenguelemo, ilha do Bazaruto, servindo de elo de ligação com a delegação de Inhassoro. Este tem por sua área de jurisdição as ilhas de Bazaruto e St. Carolina. As ilhas de Benguérua, Magaruque e Bangué estão sob tutela da delegação marítima de Vilanculos, cujo representante baseia-se na ilha de Benguérua.

Além das entidades referidas, outras há que intervêm na gestão do arquipélago, com destaque para as Direcções Provinciais da Agricultura e Pescas e da Indústria, Comércio e Turismo.

4. OBJECTIVOS

4.1. VISÃO DO PARQUE

O plano de maneio do Parque Nacional do Bazaruto, estabelece de acordo com a situação actual a base para o futuro desenvolvimento deste. A sua visão reflete a importância deste num sistema integrado de áreas de conservação e interacções regionais com o meio circundante.

O conteúdo do plano relaciona-se inteiramente com a visão do parque, que será aplicada ao nível da gestão e administração pública do parque.

VISÃO PARA O PARQUE NACIONAL O BAZARUTO

A visão de longo termo para o Parque Nacional do Bazaruto é:

- Estabelecer um modelo de desenvolvimento costeiro sustentável, que contribua para o crescimento económico nacional
- Criar harmonia entre o homem e a natureza, expresso através do uso racional e sustentável dos recursos naturais, e sua manutenção para as gerações presentes e futuras
- Promover um verdadeiro crescimento no nível de vida e condições económicas, e sociais dos ilheus
- Estabelecer uma estrutura de gestão conjunta e efectiva, onde o parque é administrado, com base na colheita de informação pelos seus intervenientes
- Proclamar o arquipélago como património natural mundial, onde se protegem e preservam ecossistemas funcionalmente sãos, a biodiversidade, os valores estéticos e culturais
- Estabelecer uma estrutura de gestão financeiramente sustentável a nível do Parque

4.2. OBJECTIVOS A CURTO E LONGO PRAZO

A visão do parque envolve quatro grandes componentes da gestão do arquipélago:

- i) um modelo integrado de gestão costeira;

- ii) um sistema de promoção do desenvolvimento social a nível local;
- iii) um desenvolvimento turístico que promova a imagem do arquipélago e gera receitas;
- iv) a protecção e preservação da biodiversidade ao nível do valor dos recursos locais.

Cada uma destas componentes é crucial para atingir um nível aceitável de gestão do arquipélago. Acima destas componentes pressupõe-se uma administração.

Os objectivos , que servirão de mecanismo de definição de acções a tomar são em seguida discriminados:

4.2.1. ASPECTOS LEGAIS: LIMITES E REGULAMENTOS

- Estender os limites do parque, ao nível de proteção de todas as ilhas do arquipélago e da faixa marítima adjacente ao redor destas, restringindo as actividades permitidas nesta faixa.
- Aprovar os regulamentos do parque e estabelecer uma estrutura administrativa que responda a várias solicitações.

4.2.2. ADMINISTRAÇÃO DO PARQUE

- Administrar integralmente o parque em representatividade da Direcção Nacional de Florestas e Fauna Bravía.
- Fazer cumprir as disposições regulamentares relativas ao Parque.

4.2.3. CONTEXTO REGIONAL E INSTITUCIONAL

- Promover a criação de um quadro institucional apropriado para orientar e levar a cabo a gestão do arquipélago, envolvendo os principais intervenientes.
- Estabelecer relações com varios agentes, que sirvam para promover o desenvolvimento científico, social, comunitário, turístico e administrativo do Parque.

4.2.4. GESTÃO DE RECURSOS

- Conservar a integridade ecológica, biodiversidade e cenários dum ecossistema marinho e terrestre único.
- Garantir a conservação de espécies marinhas raras e em regime de proteção no arquipélago.

4.2.5. DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO SOCIAL

- Alcançar a auto-suficiência económica através da geração de receitas derivadas da utilização sustentável dos recursos do Parque.
- Promover o estabelecimento de trocas comerciais entre as comunidades locais e os agentes económicos do continente.

4.2.6. GESTÃO COMUNITÁRIA

- Permitir uma maior participação das comunidades locais no maneio e uso sustentável dos recursos naturais do Parque, assim como dos seus benefícios.
- Promover a utilização sustentável dos recursos pelas comunidades locais dentro do arquipélago.
- Reduzir os actuais conflitos e os que possam advir da conservação, através da integração do desenvolvimento local no maneio do parque, assim como da criação de benefícios locais.

4.2.7. ARQUEOLÓGICOS E CULTURAIS

- Preservar o património arqueológico do arquipélago e outros bens de valor histórico, cultural e patrimonial.
- Manter os sistemas locais de maneio dos recursos, e promover uma maior compreensão dos sistemas culturais e tradicionais de uso.

4.2.8. DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

- Assegurar que o desenvolvimento turístico no arquipélago, ocorra de forma planificada de modo a evitar, que haja impactos sociais, económicos, culturais e ambientais negativos.
- Promover um desenvolvimento turístico, que promova a imagem do arquipélago e gera receitas, para financiar as actividades de maneio do Parque e criar benefícios as comunidades locais.
- Permitir a criação de facilidades de recreação para turistas nacionais e estrangeiros, de acordo com as condições ecológicas e sociais do Parque.

4.2.9. MONITORIA E INVESTIGAÇÃO

- Promover trabalhos de investigação necessários ao alcance de um maneio correcto dos recursos e de garantia da manutenção da sustentabilidade socio ecológica do Parque.
- Estabelecer programas de monitoria e de avaliação da dinâmica dos recursos e biodiversidade, dos aspectos comunitários, do turismo e seu desenvolvimento, e da eficácia das acções de maneio a serem desenvolvidas dentro do arquipélago.

4.2.10. DIVULGAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO PÚBLICA

- Proporcionar educação ambiental as comunidades locais, utilizadores dos recursos, turistas, visitantes e cientistas.
- Promover acções de treino a indivíduos ligados às ciências ambientais no arquipélago.

5. DESCRIÇÃO FISIOGEOGRÁFICA

5.1. ORIGEM DO ARQUIPÉLAGO

O arquipélago originou-se a partir da actual península do Cabo São Sebastião, a sul do arquipélago resultado das incisões que ocorreram durante a variação do nível do mar, provocada pela glaciação e degelo.

As ilhas formaram-se durante o período em que houve uma estabilidade na variação do nível do mar, e surgiram como resultado da acção das ondas. Uma vez formadas houve deposição de areia durante a variação das marés dando-lhes uma configuração linear, com um sistema de lagoas expostas ao mar aberto do lado oceanico, a este portanto. Os ventos prevalecentes transportaram areias ao redor, formando dunas de areia que se alinham paralela e perpendicularmente a direcção dos ventos, tendo uma maior reincidência do lado este, a partir do oceano.

Após a estabilização das dunas, a corrente de água das chuvas dissolveu o carbonato de cálcio, transportando-o para as camadas inferiores através da porosidade da areia. Quando as águas, contendo carbonato de cálcio, alcançaram a camada de água salgada, o carbonato precipitou-se e ligou-se aos cristais de areia formando rochas costeiras de areia junto às praias. Deste modo a formação das rochas costeiras indicam a presença de antigos estuários. O movimento que cada ilha faz é indicado pela distância entre os actuais estuários e a posição das rochas arenosas costeiras.

As rochas arenosas formaram-se quando a área da zona entre-marés formou sedimentos de carbonato de cálcio, derivados de conchas marinhas. As rochas costeiras que se formaram a diferentes profundidades indicam as mudanças que ocorreram na variação do nível do mar no passado.

No arquipélago, houve duas fases de formação das ilhas. A primeira ocorreu a 12.000 anos atrás, formando a ilha de Santa Carolina pelos processos acima mencionados. As rochas costeiras submersas a norte da ilha de Santa Carolina, representam uma extensão erodida, da cadeia que forma a série de ilhas. Evidências da origem desta cadeia de ilhas proveém da existência da cadeia de rochas costeiras junto a Santa Carolina expostas acima do nível do mar.

Após a formação da ilha de St. Carolina, o nível do mar baixou e, quando voltou a subir, uma nova barreira de ilhas se estabilizou nas posições de Bazaruto, Benguérua e Magaruque. Isto aconteceu entre 5.000 e 7.000 anos atrás. As ilhas subsequentes sofreram modificações até as condições actuais. O mais provável é que estas ilhas tenham inicialmente sido uma massa arenosa contínua, ligada ao continente pelo Sul. A separação entre ilhas resultou de sucessivos ciclones.

As ilhas de Bazaruto, Benguérua e Magaruque, sofreram um movimento em direcção ao continente nos últimos 7.000 anos. Desde a origem das ilhas, as margens centro-sul de Bazaruto, juntamente com a porção arenosa a Norte,

sofreram uma migração em direcção ao continente a uma velocidade de 600 metros/100 anos.

Evidências deste movimento observam-se nas rochas costeiras, junto ao recife a 2 milhas, o qual serviu de estuário. A maioria dos outros recifes (ex: os jardins de corais) também se formaram sobre as rochas costeiras, que inicialmente constituíram estuários, porém nestes casos as distâncias de migração das ilhas são menores.

As extensas dunas de areia, tiveram origem nas secções de praia erodidas, pelo transporte de areias a partir do mar.

Bangué aparentemente teve uma origem diferente à das outras ilhas, tendo surgido da acção das ondas em originar um delta. Como estes deltas apenas surgiram após a formação da cadeia das ilhas principais, Bangué é a ilha mais jovem com apenas 3000 a 4000 anos.

5.2. GEOLOGIA, SOLOS E TOPOGRAFIA

O Arquipélago do Bazaruto localiza-se a sul do actual delta do Rio Save. Situa-se junto a plataforma da costa Moçambicana, contendo numerosos depositos dos detritos dos Rios Limpopo e Save.

As ilhas compõem-se fundamentalmente de areias de quartzo não consolidadas, contendo uma pequena porção de carbonatos derivados do esqueleto de organismos marinhos. Como tal, são susceptíveis a movimentos por processos naturais.

As dunas são nuas ou moderadamente cobertas de vegetação pioneira ou a vários estágios de sucessão. A vegetação estabiliza as dunas e impede o arrasto de areias pelo vento evitando o crescimento das dunas. As ondas provocam o movimento de areias na praia até que se atinja um estado de equilíbrio com as condições prevaletentes na linha da costa das ilhas do lado este. Este efeito reflete-se na formação de pequenas baías em forma de coração, do lado do oceano, no limite este das ilhas. O alinhamento destas baías indica um posicionamento da linha litoral na direcção norte. As areias transportadas para norte são depositadas de modo a formar um istmo a norte de Bazaruto.

A presença de rochas costeiras em volta das ilhas formam o encaminhamento do sistema actual das ilhas e influenciam profundamente nos padrões de refração das ondas. A formação de rochas costeiras é um processo contínuo, esperando-se que, os estuários continuem a produzir novos sistemas de rochas costeiras, a medida que estes se movem para interior e se estabilizam

periodicamente. As rochas costeiras sem estuários, fornecem o único substrato favorável ao crescimento de corais, em extensas linhas costeiras de sedimento pouco consolidado.

As ilhas de Bazaruto, Benguérua e Magaruque, são retalhos da antiga costa, com a mesma face da costa actual. St. Carolina é coralínea, arenosa.

Ocorrem dunas parabólicas em Bazaruto e Benguérua, atingindo na primeira os 120 metros, com ancoradouros naturais. Estas dunas interiores estão dispostas transgressivamente. A extremidade norte do Bazaruto é acidentada apresentando vales profundos de declive muito rápido. A margem ocidental é orlada de restingas rochosas, onde as saliências mais notáveis formam entre si variadas enseadas. Estas formas mais notáveis no sentido Norte/Este formam várias pontas.

As dunas de areia apresentam uma coloração variada, entre escura e clara. A concentração de metais dá-lhes uma cor escura acizentada ou negra. A cor acastanhada indica a acumulação de matéria orgânica. Devido a falta de argila o solo não possui uma força coesiva criando uma grande susceptibilidade a erosão pelo vento, chuva ou força das ondas.

Do lado interior as ilhas, paralelamente ao actual sistema de dunas encontram-se velhas dunas de areia, estabilizadas. Nas baías de Sitone, Zenguelemo e Mulidza verifica-se uma erosão costeira, que espõe um solo de coloração vermelho amarelado, característico do velho sistema de dunas. A oxidação dos feldspatos e metais do solo, dão uma cor avermelhada de solo argiloso mais coeso com vários horizontes, que ao erodir criam uma costa com declives.

A ilha de Benguérua, no seu limite Norte e Oeste, possui afloramentos de grés costeiros de elevada coerência. Caracteristicamente possui formações de pontas em ambos sentidos Norte/Este e Sul/Norte.

As margens Norte e Oeste da ilha de Magaruque, são continuamente orladas de grés costeiros. Esta ilha apresenta vales profundos revestidos de matas até ao cimo, sendo atravessada do lado do oceano, por recifes. A sua forma é arredondada cercada de bancos rochosos. A altitude máxima é de 100 metros.

A ilha de Santa Carolina, é envolvida por uma cintura de grés. Do lado oriental notam-se estratos de grés de origem marinha com mais de 5° de inclinação para o lado do mar. A praia é de areia finíssima branca com águas claras. Restos de areias circundam a ilha interrompidos por afloramentos coralíneos. O grés costeiro encontra-se sempre localizado junto a linha da costa, em afloramentos descontínuos, seguindo uma faixa estreita e alongada. Trata-se de uma rocha

geralmente com estratificação entrecruzada, caracterizada por uma matriz calcária e apresentando má calibração de grão, onde é frequente a presença de fósseis.

5.3. CLIMA E HIDROGRAFIA

5.3.1. CLIMA

O arquipélago localiza-se ligeiramente a norte do Trópico de Capricórnio possuindo um clima tropical sub-húmido a húmido-moderado, com temperaturas ambientais médias no verão de 30°C e no Inverno de 18°C. A temperatura média anual é de 24°C. A amplitude de variação anual de temperatura está compreendida entre os 28.3°C e os 19°C.

As chuvas no arquipélago são reguladas por dois sistemas climáticos: O sistema anticiclónico sub-tropical do oceano Índico da zona sudeste dos ventos do Zambeze, com chuvas durante a passagem de depressões; e do extremo sul do sistema de monções da África Oriental.

A precipitação anual de acordo com os dados do Farol de Bazaruto, entre 1953 e 1980 indicam uma média de 956mm. A variação é entre os 466mm no período seco e 1928mm no período chuvoso. Os meses de Dezembro à Março são os de maior precipitação com valores superiores a 100mm.

O balanço hídrico anual do arquipélago, da diferença entre a precipitação média anual e a evapotranspiração, é -612mm, havendo um défice de humidade negativo. Deste modo no arquipélago, há predominância de dias secos, mostrados por 231 dias secos, 104 dias intermédios e, 30 dias húmidos.

Durante a monção de NE, o calor é excessivo, mas na estação seca é agradável. Os ventos que se fazem sentir com mais força são os do Sul, SE e NE. Em contrapartida os ventos do Oeste e do Norte são brandos.

As médias anuais de temperatura são de 30°C.

A energia gerada pelos ventos, ciclónicos e furacões são importantes na definição do contorno das linhas costeiras das ilhas, por deposição e remoção de areias, e indirectamente na formação de ondas, correntes oceânicas e extensão dos estuários.

A média anual de ocorrência de tempestades no canal de Moçambique é de 3,1 com maior concentração junto à costa Ocidental de Madagascar. Em 50 anos, até 1989, 12 tempestades de elevada intensidade, e 38 de média intensidade ocorreram na região do Arquipélago.

No Indico as tempestades são ocasionais, mas encontram uma barreira forte na Ilha do Madagascar. As chuvas torrenciais que ocorrem durante os ciclones são significativas e provocam grandes impactos na erosão dunar. Estes ventos soprando rápido despem o primeiro cordão de dunas que se encontram em sucessão.

5.3.2. HIDROGRAFIA

A baía de Vilanculos é cortada por diversos canais navegáveis e tem vários fundeadouros. O fundo nesses canais é de areia, lodo e pedra. Os dois canais mais importantes são: Chinguiremo e Santa Carolina.

Com aberturas a Norte e a Sul a baía do Bazaruto dá acesso ao oceano, e fornece excelente abrigo aos ventos do Sul e do Este.

O canal Chinguiremo estende-se ao longo da ilha do Bazaruto. O canal Santa Carolina, distingue-se pela capacidade de receber navios de grande tonelagem e calado.

Ao longo da costa oriental das ilhas, perto da orla dos baixios a corrente de Moçambique corre com grande velocidade. Entre as ilhas do Bazaruto e Benguérua as águas são muito profundas, e entre as ilhas de Benguérua e Magaruquesão menos profundas.

No interior das ilhas existem pequenas e grandes lagoas de água doce e salobra. Estas estão confinadas as ilhas de Bazaruto (lagoas Mbiti, Nhassasse, Lengué, Maubué, Manuvubué, Quinqué e Nhamuaré) e Benguérua (lagoas Zivane, Bomopomo).

Derivado do facto das ilhas serem bastante estreitas e as dunas relativamente dispostas no sentido N/S, a capacidade de armazenamento é baixa. Os aquíferos das dunas possuem uma rápida taxa de recarga após as chuvas, devido a natureza porosa das areias. Contudo, devido ao seu baixo volume, são susceptíveis à contaminação fecal com o aumento de habitantes nas ilhas.

A fonte de água para 67% da população provem de poços subterrâneos, 21% da população usa a água de pequenas valas e a população restante careta a água em torneiras existentes na canalização dos hotéis e Sede do Parque. A presença de minerais na água das lagoas impede que esta seja potável, servindo apenas para lavar roupa.

6. PRINCIPAIS HABITATES E RECURSOS

6.1. AMBIENTE MARINHO

O ambiente marinho constitui a fonte mais importante de recursos do arquipélago. Os ilheus são maioritariamente pescadores, de cuja principal fonte de proteína e subsistência provém das pescarias. Nestes termos, um maneio adequado do ambiente marinho, constitui o principal objectivo em benefício das comunidades locais.

A biodiversidade do ambiente marinho é elevada e comporta os seguintes ecossistemas:

- Bancos de areia
- Bancos de ervas marinhas
- Recifes de coral

6.1.1. HABITATES

ZONA LITORAL

Esta constitui a porção costeira das ilhas que se encontra no nível acima da linha de preiamar da maré viva. Uma vez que as ilhas são completamente arenosas, na descrição desta categoria de zoneamento, será em referência apenas a secção da praia. As praias são compostas por areias de granulidade média e constituem habitate favorito de duas espécies dominante de caranguejos fantasmas.

É uma zona importante para albergar aves migratórias (*p.e. Tringa sp. e Numenius sp.*), particularmente nas porções norte e sul das ilhas. As praias que estão directamente expostas a acção dos ventos, constituem locais de postura de ovos de tartarugas. Entre Outubro e Março, tartarugas verdes, cabeçudas e couraçadas, põem ovos junto as praias, eclodindo passado três meses.

ZONA ENTRE MARÉS

Constitui a zona que se submerge na preiamar e fica exposta na baixamar. Basicamente é a zona, que envolve as ilhas incluindo os bancos de areia. Habitates incluídos nesta zona são os bancos de areia, bancos de rochas e recifes, alguns corais e bancos de ervas marinhas.

BANCOS DE AREIA

São um habitat importante para as aves marinhas que se alimentam nestas zonas, nos períodos de baixamar. Flamingos e outras aves marinhas, têm nesta zona a principal fonte de dieta alimentar, constituída por macroinvertebrados (p.e. caranguejos, lagostins e camarões). Muitos crustáceos vivem no subsolo ou em buracos sendo parte da meiofauna.

Nesta zona, também abundam equinodermos, dominantes em número de indivíduos e biomassa. Existem numerosas estrelas do mar junto aos bancos de areia (*Linckia sp.*, *Laevigata sp.*, *Astropecten sp.* e *pentaceraster sp.*), porém os *ophiuroides* são mais abundantes. Também ocorrem junto aos recifes de coral, rochas, e grutas, soterrados ou ligados as ervas marinhas, algas e outros organismos (p.e. caranguejos, ou outros equinodermos: *Diadema* e *Equinometra*).

Holoturias, em especial a espécie *Synapta maculata* são comuns nos bancos de areia. Outras espécies foram intensamente colhidas nas áreas junto ao continente. Actualmente verifica-se o aumento de colectores ilegais vindos do continente a procura de holoturias, já esgotadas nas suas áreas. Os bancos de areia, são de extrema importância para as comunidades locais, pois é nestas zonas que predomina a ostra de areia, (localmente designada de mapalo). Nos bancos de areia, também ocorrem outros bivalvos e gastrópodos, sendo também um habitat importante para peixes e raias, que se alimentam nestas zonas durante a preiamar.

ROCHAS E RECIFES ROCHOSOS

A zona entre marés da ilha de Santa Carolina e partes das ilhas de Bazaruto e Benguérua são dominadas por rochas arenosas, formadas pela acção de chuvas ácidas. As porções recondidas das rochas, são um habitat ideal para lagostas, moluscos, equinodermos e peixes e um substrato para numerosos organismos (p.e. anémonas, zoanthários, corais e algas), que se ligam a estes.

ZONA BATIPELÁGICA

Esta zona está permanentemente submersa, não sofrendo efeitos de exposição e atmosfera. Habitats aqui encontrados incluem:

- Bancos de ervas marinhas
- Recifes de coral

BANCOS DE ERVAS MARINHAS

São áreas extremamente produtivas, constituindo uma importante fonte de alimento para Dugongos e tartarugas verdes. Servem de creches para peixes e outros invertebrados. Fornecem uma boa protecção e abrigo para variadas espécies. Ao ambiente marinho em geral, fornecem nutrientes, através da decomposição das ervas marinhas, que alimentam os detritívoros.

As espécies predominantes de ervas marinhas encontradas no arquipélago são: *Thalassodendrum ciliatum*, *Thalassia hemprichii* e *Zostera Capensis*. Géneros associados incluem, *Halodule* e *Cymodocea*. Os bancos de ervas marinhas, são maioritariamente encontrados extensivamente nas costas ocidentais das ilhas. Junto ao oceano, próximo as ilhas são encontrados pequenos bancos de ervas marinhas ligados aos corais.

RECIFES DE CORAL

São importantes devido a sua biodiversidade, fornecendo alimentos e abrigo a organismos não residentes. Junto ao arquipélago são importantes como fonte de alimentos as comunidades locais, atraem turistas e são fonte de aquisição de receitas.

Os corais necessitam de águas rasas, claras e quentes, uma vez não existem rios a descarregarem sedimentos junto a baía do arquipélago. As temperaturas de água variam entre os 23°C no inverno e os 28°C no verão, sendo favoráveis ao recrutamento e crescimento das populações residentes nos corais, que requerem um mínimo de 20°C em média.

A salinidade varia entre os 35.4ppt no inverno e os 34.7ppt no verão, sendo favoráveis ao crescimento da população residente nos corais.

A amplitude das marés no arquipélago, varia entre 2.3m e os 3.3m, porém no equinócio de primavera atinge os 4.39m. Tais extremos de amplitude afectam os corais, aquando da sua exposição a atmosfera. Estes, mostram sinais de stress, quando expostos durante um longo período, perdendo a coloração devido a morte dos polipos e *zooxanthellae*. Portanto, apenas as espécies com um largo nível de tolerância é que ocorrem na zona entre marés.

Os ecossistemas de coral no arquipélago, são compostos por recifes não clássicos. Estes recifes, não são típicos de recifes hermatípicos, não podendo ser classificados de recifes em franja. São recifes rochosos com corais encrustados, formados durante a fossilização das dunas. As comunidades de corais junto aos recifes, variam de acordo com a sua localização, havendo um zoneamento das populações de diferentes espécies.

As componentes mais importantes dos recifes de coral são: Os corais Scleractínios, corais moles, Zoanthídios, anémonas, esponjas, ascídios e algas. Associados aos corais, temos a fauna ictiológica, equinodermos, moluscos,

vermes poliquetos, peixes pelágicos não residentes, raias, tubarões e tartarugas marinhas, que constituem uma importante fonte de atracção turística. Parte desta componente ictiológica serve ao suprimento da dieta alimentar das comunidades locais.

6.1.2. FAUNA MARINHA

MAMÍFEROS MARINHOS

Os mamíferos marinhos que ocorrem na região podem ser divididos em dois grupos: cetáceos e sirénios.

CETÁCEOS

Este grupo é composto por baleias e golfinhos, que podem ainda ser divididos em dois grupos: os filtradores e os dentados.

- O grupo dos filtradores, comporta baleias que possuem estruturas filtradoras emergindo da base da boca em cada lado das maxilas. Filtram pequenos organismos (p.e. escolas de peixes e plancton) da água que usam como alimento. A baleia corcunda (*Megaptera novaeangliae*) é a baleia filtradora mais comum no arquipélago, sendo frequente observa-lá entre Julho e Setembro, junto a baía. Esta usa o arquipélago, como zona de reprodução e crescimento de juvenis. Ocorre aos pares (dois adultos, ou um adulto e um Juvenil). Durante o inverno esta migra para o antártico, alimentando-se de pequenos crustáceos.

Na região, também já se documentou a presença da baleia filtradora, *Balaenoptera acutorostrata*, que possui um padrão de migração similar a baleia corcunda.

O achado do cráneo da baleia anã *Kogia breviceps*, indica a presença desta espécie no arquipélago.

- O grupo dos cetáceos dentados no arquipélago, comporta quatro espécies de golfinhos e uma falsa baleia assassina.
- O golfinho boca de garrafa (*Tursiops truncatus*) é o mais comum ocorrendo em escolas de até 30 espécimens.
- O golfinho corcunda (*Sousa chinensis*) é também comum no arquipélago, ocorre em escolas mais pequenas, sendo vistos a alimentarem-se aos pares, é mais tímido em relação a espécie boca de garrafa.
- Golfinhos saltadores (*Stenella longirostris*) são relativamente comuns no arquipélago. São parecidos a espécie boca de garrafa, porém relativamente

menores. Estas duas espécies são vistas do lado da baía, solitariamente ou em escolas numerosas. São espécies suicidas, deixando-se encalhar junto a praia do lado da baía. Tal, pode dever-se a doenças. Uma autópsia num golfinho da espécie boca de garrafa, realizada em Novembro de 1996, revelou um caso de peritonite.

- O Golfinho Comum (*Delphinus delphis*) também ocorre no arquipélago, tendo como habitate preferido o lado da baía, porém é menos comum em relação as outras espécies.
- Junto a região do arquipélago, já houve um registo de uma falsa baleia assassina (*Pseudorca Crassidens*).
- É possível que ocorram outros cetáceos junto ao arquipélago, pois esta região insere-se na zona de distribuição destes.

SIRÉNIOS

Este grupo, alberga os dugongos (*Dugong dugon*). Os dugongos apresentam uma larga faixa de distribuição junto a costa oriental de Africa, Austrália e ilhas Salomão, porém, em focos restritos. Alimentam-se fundamentalmente de ervas marinhas, tendo os bancos destas como habitates preferidos, numa profundidade que varia entre 1 a 5 metros. Ocasionalmente, são vistos até profundidades de 20 metros. Quando se alimentam emergem a intervalos de 1 minuto, porém podem submergir até máximos de 10 minutos. Possuem dimensões entre os 2-3 metros, podendo pesar 250-400 kg. As fêmeas atingem a maturidade sexual aos 10 anos e têm crias em cada 3 a 7 anos. As crias amamentam por 18 meses. A longevidade dos dugongos é de 75 anos.

O arquipélago do Bazaruto, é definido como a região oeste do Oceano Indico, possuindo a população maior e mais viável de dugongos. Reconhecimentos realizados em 1993, estimaram a população em 110 espécimens. Reconhecimentos posteriores, mostraram um declínio no tamanho da população, eventualmente devido a capturas, maioritariamente por redes de emalhe. Capturas ocasionais, também foram referidas terem ocorrido fora dos limites do Parque.

OUTROS MAMÍFEROS MARINHOS

Em Junho de 1997, noticiou-se a observação de uma foca, próximo ao recife do farol do Bazaruto, a norte desta ilha. Segundo as condições do clima, é possível

a ocorrência desta espécie nesta região, como o limite norte da sua distribuição a nível do hemisfério sul.

TARTARUGAS MARINHAS

Junto ao arquipélago, ocorrem cinco espécies de tartarugas marinhas:

- Tartaruga Verde
 - Tartaruga cabeçuda
 - Tartaruga couraçada
 - Tartaruga falcão
 - Tartaruga olivácea (provável)
-
- A tartaruga verde (*Chelonia mydas*) possui uma distribuição cosmopólita pelas águas tropicais e subtropicais. Ocorre, junto aos corais, recifes rochosos, bancos de ervas marinhas e nos aglomerados de algas junto aos bancos de areia e de lodo. O arquipélago, constitui sua zona de reprodução, entre Outubro e Janeiro. Numa única época reprodutiva, uma fêmea pode libertar 5 grupos de ovos num intervalo de 2 semanas para cada grupo, totalizando 100 ovos por grupo. Esta espécie, retorna ao local de ninhagem, para deposição de ovos, passados 5 anos. A sua maturidade sexual, ocorre entre os 30 e os 50 anos. É herbívora, alimentando-se de ervas marinhas, algas e frutos de mangal.
 - A tartaruga cabeçuda (*Caretta caretta*) possui uma distribuição cosmopólita pelos oceanos tropicais e subtropicais. Possui como habitats preferidos, os corais, recifes rochosos, bancos de ervas marinhas, e o fundo do mar macio, lodoso ou arenoso. Estabelecem ninhos, entre Outubro e Dezembro, enquanto as fêmeas depositam 3 grupos de ovos de 125 ovos, cada grupo em intervalos de duas semanas, cada grupo de ovos. Retornam, sempre a mesma praia para depositarem os ovos de 3 em 3 anos. São carnívoras, com uma dieta básica de moluscos, caranguejos, auréolas, holotúrias e peixes.
 - A tartaruga falcão (*Eretmochelys imbricata*) tipicamente tropical, associada aos ecossistemas de recifes de coral. Há evidências não confirmadas da sua ninhagem no arquipélago. Esta zona porém, encontra-se a sul do seu raio de ninhagem. A sua dieta omnívora, inclui moluscos, crustáceos, esponjas, corais moles, e algas marinhas.
 - A tartaruga couraçada (*Demochelys coriacea*) são a espécie de maior dimensão, com um dorso couraçado. Estabelecem ninhos entre Novembro e Dezembro. As fêmeas depositam 4 grupos de ovos de 86 ovos cada grupo, durante a mesma estação reprodutiva, com intervalos de nove dias por cada deposição de ovos. A sua dieta carnívora, inclui auréolas, ascídios, e outros invertebrados moles.

- É possível, que no arquipélago ocorra a tartaruga olivácea (*Lepidochelys olivacea*) uma vez que esta-se no seu raio de distribuição, porém não há observações confirmadas da sua ocorrência.

6.2. AMBIENTE TERRESTRE

6.2.1. HABITATES

- Existem distintos habitats terrestres nas Ilhas colhidos com base em componentes geográficos. Destacam-se mangais, dunas de areia costeiras, vegetação pioneira em dunas de areia primárias, remanescente de floresta de dunas, remanescentes de floresta clímax, floresta de *Dialium Schlegleri* e *Julbernardia globiflora*, florestas de pantano, pradarias, brenhas de matagais, savanas arbustivas, matagais associados a águas freáticas, casuarinas, lagoas de água doce e salobra.

A maioria destes habitats mostram sinais de modificação pela acção do Homem e animais domésticos. Além das pequenas manchas da vegetação clímax a noroeste da Ilha de Benguérua e sul da Ilha de Magaruque, todos os outros tipos de vegetação estão em diferentes estágios de sucessão vegetal.

MANGAIS

Constituem um importante ecossistema, altamente produtivo sendo uma fonte importante de alimentos. Servem a protecção de aves, peixes e outras espécies. Os mangais do arquipélago, não são tão ricos em biomassa, como outros mangais das regiões costeiras. Estes, são ligeiramente pequenos e aparentam estar em fase clímax de sucessão, devido as mudanças que ocorrem na linha da costa em exposição a acção das ondas e mares.

São ricos em diversidade de espécies, fornecendo nutrientes ao mar e a porção terrestre das ilhas. Os géneros mais importantes de espécies vegetais no arquipélago são: *Avicennia*, *Rhizophora*, *Ceriops*, *Brugiera*, e *Sonneratia*.

Complementando o sistema de mangais existem as salinas, constituindo os géneros mais importantes: *Salicornia*, *Sarcocornia* e *Sesuvium*. Os mangais têm sido usados pelas comunidades locais como fonte de aquisição de madeira e estacas para construção. Contudo, avaliando a pequena altura das habitações, pode deduzir-se que a vegetação de mangal cresce pouco ultimamente. O caranguejo gigante dos mangais *Scylla sp*, é largamente consumido pelas comunidades locais.

No arquipélago os mangais não albergam uma larga população de aves, peixes ou invertebrados

Na ilha de Bazaruto encontram-se três comunidades de mangal, das quais a maior localiza-se a norte da região de Zenguelemo na costa ocidental da Ilha. Mais a sul entre a Ponta Mulidza e a Ponta Dundo existem duas pequenas comunidades de mangal. A norte da ponta Dundo observa-se também um resto de comunidade de mangal.

Na ilha de Benguérua a comunidade de mangal estende-se ao longo da costa ocidental, ao redor do Marlin lodge

Na ilha de Santa Carolina a Comunidade de mangal cobre a maior parte da secção sul da ilha.

6.2.2. FAUNA TERRESTRE

Em termos de fauna, o Arquipélago possui como espécies nativas, macaco simango, galago noturno, cabrito vermelho, esquilo vermelho, imbabala e musaranho. A fauna mamífera do Arquipélago é representada por espécies do tempo em que as Ilhas estavam ligadas ao continente. Porém, gatos e ratos domésticos foram posteriormente introduzidos no arquipélago.

No arquipélago foram registadas um total de 186 espécies de aves, e constitui um importante ponto de passagem de aves migratórias. Um total de 45 espécies diferentes de répteis e anfíbios foram registados no arquipélago.

Esta fauna evidencia as mudanças geomórficas, que ocorreram desde os primeiros períodos de glaciação e subsequentes sucessões, que resultaram de efeitos naturais e acção humana.

6.3. AMBIENTE DE ÁGUA DOCE

6.3.1. HABITATES

Os principais habitats são, lagoas, pantanos, florestas de pantano, planícies edáficas, e matagais associados a águas freáticas.

As lagoas de água doce são uma característica das Ilhas do Bazaruto e Benguérua, as quais estão sendo invadidas pelas dunas localizadas do lado este das Ilhas. No interior das ilhas estas pequenas e grandes lagoas de água doce e salobra, tem a seguinte distribuição: ilha de Bazaruto (lagoas Mbiti, Nhassasse, Lengué, Maubué, Manuvubué, Quinqué e Nhamuaré); Ilha de Benguérua (lagoas Zivane, Bomopomo).

O principal local de armazenagem de águas subterrâneas nas ilhas é nas dunas, o que se reflecte na localização das lagoas.

6.3.2. FAUNA

Grande parte das lagoas das ilhas do Bazaruto e Benguérua possuem crocodilos, que provavelmente foram isolados quando as ilhas se separaram do continente.

Os ovos de crocodilos são anualmente, parcialmente colhidos e vendidos a farma de crocodilos da ilha de Benguérua.

As lagoas, constituem habitate para a fauna ictiológica de água-doce, sendo as espécies de tilápia as mais abundantes.

As lagoas fornecem habitats favoráveis a uma larga variedade de aves aquáticas.

6.3.3. FLORA

A maioria das lagoas não possui vegetação flutuante, além de pequenas depressões do lado sul da Ilha do Bazaruto, onde pequenas formações de *Nymphaea capensis* ocorre.

Todas as lagoas apresentam, densos blooms de algas suspensas, que se depositam em grossas camadas de tapetes béticos. As profundidades

máximas das lagoas são de três metros. A vegetação em franja é composta de caniçais, juncos, gramíneas, e ervas, que emergem nas bordas junto as planícies e margens das lagoas constituindo um habitate importante para uma larga variedade de fauna.

Pantanos em diferentes estágios de sucessão, cobrem estensas áreas das lhas. Alguns sustentam manchas de florestas de pantanos com *Ficus trichopoda* e *Syzygium cordatum* como únicas espécies lenhosas e o feto *Thelypteris inerrupta* a cobrir o resto da área.

As poucas florestas de pantano restantes, e associações de pantanos são usadas para cultivo de batata-doce pelos Ilheus.

7. POPULAÇÃO

7.1. ORIGEM DOS ILHEUS E DA POPULAÇÃO

As mais antigas referências a presença humana no Arquipélago do Bazaruto, são reportadas por evidências arqueológicas recentes, que indicam uma presença humana desde os primórdios do período da idade de ferro >1200 anos a.c, atestado pela existência de vestígios materiais e humanos arabs e da religião mahometana.

Quanto a origem dos actuais habitantes das Ilhas, pensa-se ser resultado da infusão Árabe, que se efectuou sobre um substrato Bantu, durante as guerras Nguni, provenientes da costas de Sofala como das de Inhambane.

Actualmente predominam na região as Famílias Dzivane,, na Ilha de Bazaruto e de Magaruque e os Mufumes na Ilha de Benguérua.

Os Dzivane, Donos da terra e das águas do Arquipélago, fazem parte das famílias Manga, Vindos da zona Costeira a Norte de Inhassoro e Sul de Nova Mambone, Fugidos das Guerras Nguni, nos finais dos Seculos XVIII, fixando-se nas Ilhas e formando os primeiros regulados.

Genealógicamente, Os Dzivane, subdividem-se em: Dzivane Mapazi (Os primeiros a ocuparem as Ilhas), Dzivane Zingole, Dzivane Nhassengo, e Dzivane Modico.

Resultante do desenvolvimento turístico no Arquipélago a partir dos anos 50 e das migrações de grupos de refugiados durante os anos de guerra civil, encontramos hoje no Arquipélago, dois grupos populacionais distintos:

- Os Ilheus propriamente ditos, considerando Ilheus as pessoas nascidas no Arquipélago do Bazaruto, ou membros das suas famílias por laços de casamento ou nascimento.

O segundo grupo corresponde a todas as famílias residentes no Arquipélago, vindos do Continente, em busca de melhores condições de vida, emprego nos estabelecimentos turísticos locais, refugiados de guerra, e negociantes que se fixam permanentemente nas Ilhas. Alguns destes normalmente tem as suas principais residências nos locais de origem, no continente.

7.2. ETNICIDADE E RELIGIÃO

A população do arquipélago pertence ao grupo étnico Tsonga, cuja distribuição ocorre ao Sul do rio Save. Contudo, as populações da linha costeira litoral de Inhambane em direcção ao Norte incluindo o Arquipélago do Bazaruto, são parte do subgrupo Khiokha. Os ilheus falam Xitsonga (fusão de Xitswa e Ndau). Denominam-se Matsonga ou Vatsonga.

As tradições locais estão influenciadas pela cultura Portuguesa e Asiática, sendo notório nas artes de pesca e outros hábitos.

Pelo facto do Arquipélago ser uma área cujos laços sociais, político administrativos e económicos, estenderem-se para o continente, a língua de comunicação predominante é o xitswa, falado no Norte da província de

Inhambane, incluindo os distritos de Vilanculos e Inhassoro, dos quais o arquipélago faz parte.

Apesar das culturas multi-seculares Asiática e Portuguesa, terem influenciado as tradições locais, particularmente pela introdução de novas técnicas de pesca e cultivo, os desenvolvimentos turísticos na região, também têm uma influência regional, especificamente a Zimbabweana e a Sul-Africana, permitindo sob o ponto de vista linguístico o desenvolvimento do inglês e do Xifanakaló.

A **religião** básica dos Ilheus, praticada pela maioria é o culto aos Antepassados e o curandeirismo, que constituem o suporte moral e social principal no Arquipélago.

A introdução de várias congregações religiosas no arquipélago é recente. Introduzidas nas Ilhas por imigrantes do continente as principais religiões são a Zione e Velhos Apóstolos.

7.3. DEMOGRAFIA

A população do arquipélago em 1995 era de 2.697 habitantes (Raimundo, 1995), divididas por 580 famílias assim distribuídas:

Ilha do Bazaruto: 1.751 pessoas - 348 famílias
Ilha de Benguérua: 765 pessoas - 170 famílias
Ilha de Magaruque: 181 pessoas - 62 famílias
Ilha de S. Carolina: não houve informação
Ilha de Bangué: não-habitada

Em termos percentuais, a ilha do Bazaruto possui 64.92% da população do Arquipélago, Benguérua 28.36%, e Magaruque 6.71%.

A população concentra-se geralmente nas regiões centrais e ocidentais das ilhas, devido as condições físico- naturais e geográficas, favoráveis ao desenvolvimento de actividades económicas e de subsistência que estas apresentam:

- Nas áreas com solos cobertos de vegetação, as populações fixam suas residências e machambas;
- Ao longo das praias, fixam acampamentos de pesca e atracam barcos favorecendo a venda e a troca de pescado, e o rápido acesso ao continente;
- Nas áreas onde se localizam as infraestruturas socio-económicas, principalmente junto aos estabelecimentos hoteleiros, estabelecem os chamados bairros ou aldeias de trabalhadores.

A ilha do Bazaruto possui três zonas comunitárias: Machulane-Sitone, Zenguelemo-Mulidza e Pangaia, sendo a área de Machulane, a norte da ilha a mais habitada, seguida da área de Zenguelemo, na parte central da ilha.

A ilha de Benguérua possui três zonas comunitárias: Chizungune, Bave e Cheringoma, sendo Chizungune a área mais habitada da ilha, seguida da área de Cheringoma, no sudoeste da ilha.

As tabelas abaixo, indicam a evolução da população ao longo dos anos e sua distribuição por sexos, idades e actividade sócio-económica:

Tabela: Evolução da população entre 1857 e 1995.

ANO	1857	1971	1990	1993	1995
POPULAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO	1601	3000	3712	2640	2697

Tabela: População e sua distribuição por sexos no arquipélago.

ILHA	HOMENS	MULHERES	HOMENS/ MULHERES	Nº DE AGREGADOS FAMILIARES	RAZÃO ENTRE SEXOS
BAZARUTO	833	918	1751	348	90.74%
BENGUÉRUA	364	401	765	174	90.77%
MAGARUQUE	103	78	181	62	132.0%
TOTAL	1300	1397	2697	584	-----

Tabela: População e sua distribuição por grupos etários no arquipélago.

GRUPO ETÁRIO	BAZARUTO	BENGUÉRUA	MAGARUQUE
0-14 ANOS	41.11%	38.16%	38.12%
15-59 ANOS	55.06%	58.30%	58.56%
MAIS DE 60 ANOS	3.38%	3.54%	3.32%
TOTAL	100%	100%	100%

7.4. EDUCAÇÃO E SAÚDE

O Arquipélago, caracteriza-se por ser uma zona com limitadas infraestruturas sociais.

Em todo o arquipélago existiam até 1992 três escolas oficiais, uma na ilha de Benguérua e duas na de Bazaruto, todas de nível primário básico. Actualmente apenas uma encontra-se em funcionamento, a Escola Rural de Sitone, localizada na ilha do Bazaruto, zona de Sitone, onde leciona-se da 1ª a 5ª

classes, num total de aproximadamente 105 crianças, havendo três professores do vindos da Sede do Distrito de Inhassoro.

Pelo facto da grande percentagem de crianças em idade escolar não ir a escola o nível de escolarização a nível do Arquipélago é bastante baixo indicando uma elevada taxa de analfabetismo a nível da população.

Com relação a saúde, apenas existe, o Posto de Saúde da Ilha de Bazaruto, localizado na zona de Zenguelemo, o qual não chega a satisfazer as necessidades da população local, devido a falta de medicamentos diversos e em quantidade suficiente, além da ausência dum enfermeiro permanente na ilha. Importa referir que o posto é assistido por um socorrista local.

Para resolver os problemas de saúde, os ilhéus tem recorrido a medicina tradicional, Curandeiros e uso de plantas medicinais.

7.5. HABITAÇÃO E SANEAMENTO

7.5.1. HABITAÇÃO

Os Ilheus vivem em casas feitas de pau, cobertas de capim, e paredes de caniço, algumas vezes maticadas de barro. A pavimentação é geralmente de terra batida.

A residência de uma família nas Ilhas, consiste de uma unidade maior que representa a casa principal e de pequenas casas onde o número e o tamanho varia de acordo com o número do agregado familiar e condições económicas da família. Caso o chefe da família tenha mais de uma esposa todas elas vivem no mesmo quintal.

7.5.2. SANEAMENTO

Sendo os solos do Arquipélago, arenosos não capazes de aguentar com o sistema de latrinas, de modo geral a população usa a praia e o mato, embora se encontrem algumas latrinas não cobertas ou melhoradas.

A população residente nos bairros dos hotéis, nas ilhas do Bazaruto e Magaruque, beneficiam de sanitários comuns, cujas casas de banho têm água corrente.

A **água**, para a maioria dos Ilheus é recolhida nos poços não convencionais e furos artesanais, não protegidos. Sendo consumida sem tratamento prévio esta água, de modo geral é de má qualidade sendo uma das causas de doenças intestinais nas ilhas.

As populações a volta dos hotéis e da sede do Parque em Sitone, beneficiam de água canalizada, obtida de poços e fontenários, feitos pela gerência destes estabelecimentos com objectivos de abastecer as suas infraestruturas e os seus trabalhadores. A água é tratada com cloro sendo de boa qualidade.

Nas Ilhas de Magaruque e de St^a Carolina, a água que a população consome, apesar de drenada a partir de poços subterrâneos, possui problemas de salinização.

O **combústivel** lenhoso é usado pelos Ilheus para a confecção de alimentos, preparação de Mapalo (Ostra de areia), holotúrias e para confecção de bebidas tradicionais. Quase toda a população obtém a lenha dentro do Arquipélago, com excepção dos Ilheus de Magaruque, cujo a vegetação natural não tem capacidade de abastecimento local em lenha, tendo que se deslocar ao continente a busca deste recurso.

Os Ilheus tradicionalmente não vendem lenha, nem usam carvão. A crescente carência de combustível lenhoso nas Ilhas e o seu uso excessivo pela população é um facto, constituindo um dos principais problemas ambientais.

7.6. ESTRUTURA SOCIAL

7.6.1. ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A organização social familiar é de base paterlinear, sendo as famílias na maioria poligâmicas.

A divisão de trabalho e tarefas é com base no sexo:

As **mulheres** praticam agricultura, colecta de mapalo, actividades domésticas, comércio informal, apanha de frutos, raízes e plantas silvestres, tecem palha para produção de esteiras, cestos, chapéus, e confeccionam bebidas locais.

Os **homens** praticam a pesca artesanal, processam e comercializam pescado, exercem a carpintaria naval, transportam passageiros, criam caprinos e ovinos, constroem casas, extraem bebida de palma (hutxema), trabalham nos estabelecimentos turísticos, e fazem comércio.

Dada a integração geral dos Ilheus na economia de mercado, a divisão do trabalho com base no sexo deixa de ser rígida. Actualmente é comun nas Ilhas a participação das mulheres na pesca, ajudam a puxar a rede a troco de peixe. Também os homens já participam na apanha de ostra de areia (mapalo).

7.6.2. ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

Como a maioria das regiões de Moçambique, o Arquipélago do Bazaruto, no período anterior a independência nacional, possuía uma estrutura, hierárquica que representava o poder local.

O grupo mais importante nesta estrutura era o poder tradicional, formado pelos **Tihosi** (chefe tradicional ou chefe supremo do regulado), **Ndunas** (Régulos Coloniais) **Tinganakanas** (Conselho de anciãos ou conselheiros e chefes de povoados), **Mutumés** (Mandatários do régulo) **Curandeiros** e **Xitsungo** (População), que jogavam um papel importante na dinâmica sócio-económica, cultural e política dos Vatsonga, especificamente na gestão dos recursos naturais.

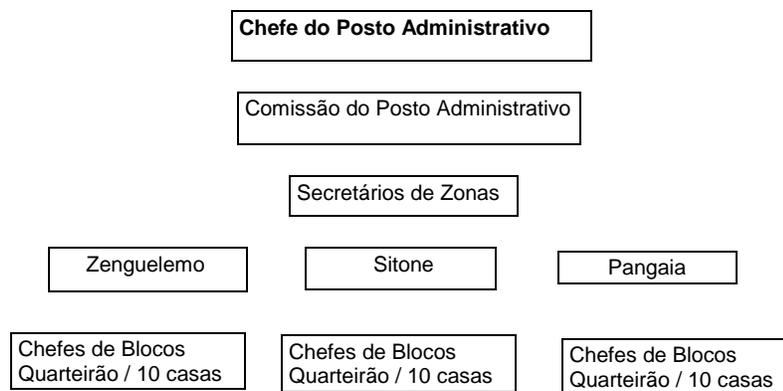
Após a independência, esta estrutura é substituída pelo sistema administrativo do Estado, formado pelo Chefe de posto Administrativo, Secretários de Zonas, Chefes de Blocos e de Quarteirões, que são actualmente os responsáveis pela organização administrativa e social nas Ilhas.

A ilha de Bazaruto, posto Administrativo do Distrito de Inhassoro, desde 1986 era administrada por um Chefe de Posto Administrativo, natural de Inhassoro até Março de 1996. A ausência de uma estrutura administrativa do Estado levou a criação em Maio de 1996, de uma comissão do posto administrativo composta por três membros naturais da Ilha.

As Ilhas de Benguérua e Magaruque, Círculos do Posto Administrativo de Vilanculos -Sede, São administradas desde 1986 por Secretários de Zonas.

Um dos maiores problemas do arquipélago, é a ausência ou inoperância das estruturas administrativas e tradicionais. Pelo facto, a população se encontra desorganizada e observam-se no arquipélago, fenómenos de patologia social com uma fraca participação da população local no maneio e gestão dos recursos locais.

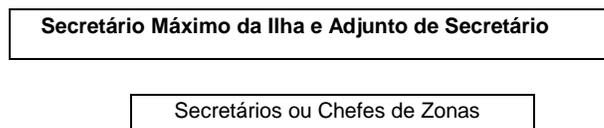
Ilha do Bazaruto:



Ilha de Benguérua:



Ilha de Magaruque:



7.7. ACTIVIDADES ECONÓMICAS DE SUBSISTÊNCIA

A economia das populações do arquipélago está baseada no desenvolvimento de actividades de pesca artesanal; agricultura de subsistência; construção de barcos; serviço de transportes; criação de animais domésticos; uso de recursos vegetais para consumo, construção e artesanato; trocas comerciais e venda de mão de obra nos estabelecimentos hoteleiros.

7.7.1. PESCA ARTESANAL

O arquipélago do Bazaruto é banhado pela corrente sul do canal de Moçambique, que recebe águas superficiais tropicais da corrente equatorial. Já se registaram correntes com velocidades de até 2m/seg. A temperatura das águas varia de 23°C no inverno, à 27°C no verão e a salinidade é de 35,4‰ no inverno e 34,7‰ no verão. A amplitude das marés é de cerca de 3 metros durante a maré viva, com registos de 4,39 metros durante o equinócio de 9 de Março de 1989.

A ictiofauna de Bazaruto é representativa de toda a região. Tal deve-se maioritariamente a diversidade de habitats próximos uns dos outros.

Estima-se que grande parte das famílias de peixes marinhos do Índico estão representadas no arquipélago, onde são encontradas 80% das espécies da região do Indo-Pacífico.

Uma grande variedade de recursos pesqueiros são actualmente explorados no arquipélago com destaque para:

- Peixes demersais e pelágicos
- Lagosta de rocha
- Caranguejo
- Ostra de areia
- Lulas
- Conchas ornamentais
- Outros moluscos

Existem diferentes utilizadores dos recursos pesqueiros no arquipélago a destacar, ou os pescadores artesanais locais, pescadores artesanais do continente, turismo, empresas semi-industriais do continente e empresas de pesca industrial.

Enquanto é encontrada uma grande abundância de molusco marinho no arquipélago, apenas 3 grupos são economicamente importantes aos habitantes locais:

a) Conchas ornamentais colhidas para venda e trocas comerciais

b) Algumas espécies são incidentalmente colhidas durante as actividades de pesca (ex: turbo)

c) Ostra de areia, (*Pinctada imbricata*), são colhidas intensamente na zona entre marés, dum modo parcialmente comercial, porém essencialmente para subsistência alimentar.

Pesca com rede ao longo do lago Mbithi, com uma superfície de 125ha, produziram 780 kg de *Telapia oreochromis mozambicus* em 2 arrastos. Os tamanhos obtidos foram pequenos variando em comprimento total entre 8-18cm. Apénas encontrou-se uma espécie com 47cm *Clarius garipinis*. A biomassa total de colheitas no lago pode facilmente exercer as 1500 toneladas.

Actividades de Pesca artesanal

A pesca artesanal constitui a principal actividade económica dos ilhéus, absorvendo mais de 70% da população.

As principais artes de pesca são: o arasto manual para a praia, a pesca a linha, a pesca com gamboas, a pesca submarina e a colecta de invertebrados, ostra de areia, caranguejo, lagosta, holoturias e conchas ornamentais.

Pesca de arrasto:

No arquipélago existem cerca de 48 proprietários de acampamentos de pesca, os quais normalmente utilizam mão-de-obra familiar, sendo o seu pagamento feito em peixe ou dinheiro. Destes 36 encontram-se na ilha do Bazaruto, 11 na de Benguérua e 1 na de Magaruque.

Na pescaria de arrasto participam pescadores locais e nos arredores das ilhas de Magaruque e Bangué, participam pescadores oriundos de Vilanculo.

Apesar do seu equipamento e métodos pouco sofisticados, os pescadores conseguem cobrir as suas necessidades em dieta alimentar para os ilhéus, para os hotéis, para a farma de crocodilos na ilha de Benguérua, assim como secar e vender parte do pescado no continente.

Pesca a linha:

Feita por ilhéus com uso de barcos a vela, essencialmente nas ilhas de Benguérua e Magaruque. Esta arte de pesca é também praticada por pescadores artesanais, e semi-industriais vindos de Inhassoro e Vilanculo. Ocasionalmente, aparecem pescadores industriais de Inhambane e Maputo, principalmente a busca de grandes demersais e espécies de valor comercial. Algumas destas espécies são capturadas nas rochas e nos recifes de coral.

Na lagoa Mbiti, exerce-se a pesca de tilápia de médio tamanho, com níveis de capturas consideráveis.

Pesca submarina:

É praticada por um número limitado de ilhéus, com o objectivo de captura de lagosta, para venda nos estabelecimentos turísticos.

É também praticada por pescadores vindos do continente, nos recifes em volta das ilhas de Bazaruto, Santa Carolina, Benguérua e Magaruque, com o objectivo de capturar lagosta e peixes de recifes. Estes não estão actualmente licenciados a exercer esta actividade junto as ilhas.

Ostra de areia (mapalo):

São intensamente colhidas nas zonas entre-marés. Constitui a segunda actividade mais importante para os ilheus a seguir a pesca. A apanha é feita essencialmente feita por mulheres. No processo de apanha as mulheres utilizavam dois cestos tradicionais, por elas produzidos com folhas de palmeiras.

Com a integração dos ilheus na economia de mercado, o mapalo passa a ser também colhido por homens e crianças com objectivos comerciais.

São também encontradas uma grande abundância de moluscos marinhos no arquipélago, economicamente importantes aos habitantes locais:

- a) Conchas ornamentais colhidas para venda e trocas comerciais;
- b) Algumas espécies incidentalmente colhidas durante as actividades de pesca;
- c) Caranguejos e lulas, são recursos com potencial pesqueiro, porém poucos explorados economicamente;

7.7.2. AGRICULTURA E PECUÁRIA

Embora não seja uma actividade de grande importância económica, a agricultura é fundamentalmente uma actividade de subsistência praticada pelas mulheres. É feita com a finalidade de obtenção de alimentos adicionais a dieta a base de peixe. No Arquipélago não há comercialização de produtos agrícolas. A repartição da população por sexo, indica que 54.54% das mulheres dedicam-se a agricultura contra 9.77% dos homens (censo de 1995).

Duma forma geral nas Ilhas pratica-se a agricultura em dois locais disitintos:

(i) Nas zonas baixas húmidas de florestas de pântanos, usadas para o cultivo de batata doce. Estas são zonas de conflito com os criadores de gado, que utilizam as mesmas para pastagem.

(ii) Nas zonas de florestas e nas dunas utilizando um regime de sequeiro. Nas áreas com vegetação natural faz-se a derruba e queima, com vista a acumulação do fósforo da cinza como fertilizante. Porém pela inaptidão dos solos para a agricultura acrescido a irregularidade das chuvas, novas áreas são abertas todos os anos com o mesmo propósito.

As principais culturas são a meixoeira, mapira, mandioca, batata-doce, feijão nhemba, feijão jugo, abóbora, milho, cana de açúcar e melância.

As culturas de meixoeira , mapira e batata-doce são as mais produtivas nas ilhas, enquanto o cultivo de milho ,não é favoravel devido ao tipo de solos. Porém a população insiste em fazer o cultivo deste cereal na esperança de uma melhoria nos índices pluviométricos, que muitas vezes leva a perda da sementeira.

Limitantes a produção agrícola:

- Insuficiência de terras com aptidão agrícola
- Solos arenosos com baixo teor de matéria orgânica
- Baixa fertilidade e facilmente erosivos
- Falta de sementes
- Escassez e irregularidade das chuvas
- Pragas de gafanhotos, passarinhos e cabritos que comem parte da produção existente nas machambas
- Uso de queimadas com vista a acumulação de cinzas como fertilizante
- Prática de agricultura nas dunas
- Corte de áreas ricas em vegetação e florestas
- Conflito e disputa de terras baixas entre mulheres e criadores de gado que usam as mesmas áreas para pastagens
- Abertura de novas áreas de cultivo todos os anos
Por regra as famílias nas ilhas possuem mais de uma machamba, em diferentes áreas e para diferentes culturas

Pecuária

A criação de animais domésticos é feita nas ilhas de Bazaruto, Benguérua e Magaruque. Espécies domésticas incluem, cabritos, ovelhas, porcos e animais de pequena espécie. Na ilha de Benguérua existe uma pequena população de bovinos.

A criação de animais domésticos é uma alternativa para os períodos de fome acentuada e funciona como reserva financeira (banco). Para os ilhéus, a criação de gado caprino e ovino constitui uma herança a ser preservada de geração em geração, e toma um papel importante nos ritos tradicionais e culturais da população das ilhas.

Na agricultura e na pecuária os ilhéus usam o fogo para a melhoria da qualidade de pastos e servem-se das dunas para o pastoreiro, cujo o impacto é negativo para a vegetação e cria erosão.

7.7.3. TRANSPORTE E CONSTRUÇÃO DE BARCOS

Uma parte dos ilheus, possui como actividade básica, a construção de barcos a vela para transporte de passageiros, e de barcos de pesca (chatas).

Dada a situação geográfica, os ilhéus são obrigados a deslocarem-se regularmente ao continente. Porém, encaram-se com a ausência de transporte regular de e para o continente, e também entre as ilhas. A população local faz a travessia entre as ilhas e o continente em barcos a vela, .

Deste modo a construção de barcos e o transporte de passageiros e mercadorias de e para o continente faz parte de uma das principais fontes de receitas, e indicador de riqueza e desenvolvimento da região.

7.7.4. COMÉRCIO

Em todo o arquipélago não existe uma rede comercial estabelecida. O comércio é feito por pequenos compradores e revendedores, na sua maioria provenientes de Vilanculos e Inhassoro que se deslocam ao Arquipélago para venderem ou trocarem os seus productos e comprarem mariscos.

Os principais produtos de troca são a bebida alcóolica, com destaque para a cerveja, aguardentes, e fermentados, farinha, açúcar, arroz, sabão, provenientes do continente e peixe seco, ostra seca, lulas e conchas provenientes das ilhas.

Oficialmente em todo o arquipélago apenas existem 2 lojas que não funcionam e se encontram na maior parte do tempo encerradas não chegando a satisfazer,

as necessidades dos ilhéus. Existem alguns mercados e barracas precários onde são vendidos produtos de primeira necessidade e bebidas alcóolicas.

Até 1980, os pescadores tinham compradores fixos em Vilanculos, que permitiam-lhes usar créditos. Este circuito já montado de venda e troca foi afectado pelas diferentes transformações políticas, sociais e económicas vividas na década 80 e inícios de 90 no país.

O comércio de peixe fresco também é feito para a farma de corcodilos em Benguêrue numa média de 300 kg por mês e vendido a população de Vilanculos pelos pescadores de Magaruque.

As diferentes estâncias turísticas, compram da população lagosta, caranguejo lulas e ostra fresca.

7.7.5. USO DA VEGETAÇÃO E DOS RECURSOS FLORESTAIS

A palmeira brava constitui um recurso chave, para os ilheus. Dela extrai-se o vinho de palma (utchema), fazem-se obras de artesanato (chapeus, cestos e esteiras,) e serve a construção (tarimbas e cobertura).

A vegetação de mangal é um recurso importante no arquipélago e na região por servir de material de construção, em estacas e laca-laca. O valor calorífico das espécies de mangal confere uma qualidade enorme a este material para o seu uso como combustível lenhoso.

A carpintaria naval absorve uma grande parte dos recursos florestais da região. Grande parte dos construtores locais, importa as matérias primas das áreas continentais adjacentes.

As florestas de pântano, fornecem capim e junco, que é largamente usado como material de cobertura e vedação na construção de habitações.

O artesanato ocupa um destaque, através dos materiais produzidos para consumo dos turistas e visitantes ao arquipélago, e nos diversos materiais usados pelos ilheus nas suas actividades correntes.

Nos períodos de baixa produção agrícola e pesqueira, os ilheus servem-se da colheita de frutos como complemento a dieta alimentar.

As plantas medicinais, constituem um importante recurso usado pelos ilheus como complemento aos seus cuidados de saúde, dado o nível de isolamento a que estão sujeitos em relação aos cuidados de saúde existentes no continente.

7.8. PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E ANSEIO DA POPULAÇÃO

As actividades de desenvolvimento social e económico dos Ilheus, constituem as prioridades de desenvolvimento do arquipélago:

A melhoria da dieta alimentar em diversidade, regularidade e quantidade e uma preocupação.

A atribuição de créditos para aquisição de equipamentos de pesca, e a comercialização do pescado, através de mercados adequados.

A criação de postos de saúde, escolas e aquisição de vestuário.

O estabelecimento de lojas e a reactivação da rede de transporte de e para o continente.

8. DESENVOLVIMENTOS COMERCIAIS

8.1. TURISMO

O turismo no arquipélago do Bazaruto, iniciou nos anos 50, quando o Senhor Joaquim Alves estabeleceu desenvolvimentos hoteleiros nas regiões de Vilanculo e Inhassoro, incluindo as Ilhas do Bazaruto e Santa Carolina. Os hotéis funcionaram até, finais dos anos 70, quando encerraram devido ao recrudescimento da guerra civil.

A reabertura do arquipélago para o desenvolvimento turístico ocorreu, quando um empresário Zimbabweano, Dan Landery inaugurou em 1979 na ilha do Bazaruto, um empreendimento hoteleiro, o Bazaruto Lodge.

Em 1984, um outro empresário Sul Africano, Joe Kennedy, reabriu o hotel Magaruque.

Nos inícios de 1990, quatro hotéis estavam operando ou em construção no arquipélago. Actualmente existem seis estabelecimentos hoteleiros no arquipélago: Bazaruto Lodge e Indigo Bay Lodge, na ilha do Bazaruto; Hotel Santa Carolina, na ilha de Santa Carolina; Benguela Lodge e Marlin Lodge, na ilha de Benguérua; e Hotel Magaruque, na ilha de Magaruque.

A mão de obra nestes estabelecimentos turísticos é na sua maioria proveniente do continente, em mais de 90%. Isto, porque os ilheus na sua maioria possui um baixo nível de escolaridade, é na sua maioria uma comunidade de

pescadores, que opta por obter receitas imediatas da venda diária do pescado, e não está qualificada a trabalhar nos estabelecimentos hoteleiros.

Inicialmente o arquipélago teve como destino, turistas maioritariamente vindos da África do Sul e Zimbábwe, que buscavam lazer e realização de desportos aquáticos, sobretudo a pesca desportiva. Este mercado evoluiu, e com a entrada de novos investidores no arquipélago, hoje os turistas são vindos da Europa, América e África do Sul e Zimbábwe. As principais actividades praticadas pelos turistas que visitam o arquipélago são, pesca desportiva, mergulho a superfície, mergulho com garrafa, passeios a pé e de carro.

Em 1979 o Conselho de Ministros declarou a zona de Vilanculo, incluindo o arquipélago do Bazaruto como uma das zonas de protecção parcial para o desenvolvimento do turismo (artigo 28 da lei nº6/79 de 3 de julho).

A Política Nacional do Turismo, aprovada pelo Conselho de Ministros (resolução nº2/95 de 30 de Maio) definiu para o arquipélago do Bazaruto e Parque do mesmo nome, a não autorização de mais estabelecimentos hoteleiros no arquipélago exceptuando a possível extensão e o melhoramento dos actualmente existentes.

A reabertura do arquipélago, para o desenvolvimento turístico, foi a razão principal para a realização do primeiro plano director para a conservação e desenvolvimento do arquipélago. A conservação e a protecção dos recursos dentro do arquipélago está integralmente dependente do sucesso do desenvolvimento de um turismo sustentável na região. Porque o turismo é reconhecido como um foco importante para a geração de receitas e divisas para o país, assim como dado o seu valor económico para as comunidades locais, em Bazaruto o turismo e a pesca artesanal, devem ser complementares para garantir a longo termo a sustentabilidade financeira do arquipélago.

8.2. PESCA DESPORTIVA

Até 1994, a pesca recreativa na região era efectuada apenas por turistas dos diferentes hotéis existentes. Estes usavam os meios locais dos hotéis, barcos e carros, eram incentivados a aplicar a técnica de marcação e soltura dos peixes e sujeitos a uma monitoria através do preenchimento dos cartões de pesca existentes nos estabelecimentos hoteleiros.

Após a guerra civil, verifica-se uma proliferação de turistas para a região, provenientes na sua maioria da África do Sul e Zimbábwe. Estes concentram-se geralmente nas diversas instâncias turísticas de Vilanculo e Inhassoro.

A pesca recreativa no arquipélago é feita por diferentes grupos dos quais os mais frequentes são pescadores profissionais. Grupos de turistas estrangeiros com longa experiência em pesca desportiva, geralmente afiliados em clubes ou

associações desportivas. Estes buscam trofeus de pesca, promovem capturas com marcação e soltura de peixes.

Pescadores amadores, são turistas com muita ou pouca experiência de pesca, mas que se preocupam com assuntos ambientais, usando o produto da pesca para fins de subsistência. Estes praticam a pesca desportiva com apenas objectivos de recreação.

Pescadores destruidores, são um grupo que tem ido acesso livre as águas do arquipélago. São turistas sem princípios de desportivismo e recreação. Fazem parte integrante do turismo descontrolado no país, e geralmente não preenchem os cartões de pesca de monitoria. Deste grupo uns pescam por prazer e objectivo de armazenar o peixe para exportarem para os seus países de origem, outros capturam indiscriminadamente espécies de peixe existentes na região, utilizando os diferentes recursos pesqueiros, com objectivos de subsistência e de lazer.

A pesca desportiva dentro do arquipélago, comporta diferentes modalidades: linha com curricó, linha de fundo, caça submarina, pesca de margem.

As principais espécies de pescado favoritas são: peixes demersais (garoupas, vermelhões), pelágicos(atuns, chareus e serras) e de bico (marlins e veleiros).

8.3. PESCA SEMI-INDUSTRIAL

Considera-se pesca semi-industrial para o arquipélago, a pesca feita com o uso de embarcações a motor munidas de sistemas de frio. Diferindo nestes termos da pesca artesanal de subsistência.

Geralmente a pesca semi-industrial no arquipélago, é feita por embarcações não superiores a doze metros de comprimento, equipadas de sistemas de frio, e permanecendo mais de três dias em alto mar por jornada de pesca.

Vários barcos semi-industriais, actualmente operam no arquipélago, com destaque para os de empresas e proprietários sediados em Vilanculo, Inhassoro e Inhambane. Estes barcos de pesca estão legalmente autorizados a operar na Província de Inhambane.

Desconhece-se actualmente, o número de barcos a operar na região, a composição das capturas, o estado actual dos stocks e o potencial da área para este tipo de pesca.

A zona de pesca, geralmente sitúa-se do lado do mar aberto, ou em recifes de coral onde são capturados peixes de rocha.

8.4. FARMAS DE CROCODILOS

A exploração de crocodilos em farmas no arquipélago já é de longa data. A pesar do seu número ter diminuído, continua a ser uma preocupação do ponto de vista ecológico. Questiona-se da sua sustentabilidade a nível de depleção do recurso pesqueiro usado como fonte de alimento.

Torna-se importante avaliar os impactos e a sustentabilidade da manutenção deste tipo de exercício no arquipélago.

9. EDUCAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

O suceso da conservação dos recursos do arquipélago, depende da consciencialização dos utilizadores do recurso.

Uma das preocupações das estruturas do Parque, sempre foi de promover campanhas a nível comunitário e geral de mobilização dos ilheus em geral a participarem nas acções de gestão sustentável do recurso.

Verifica-se actualmente, que a grande maioria dos ilheus tem noção do valor ecológico do arquipélago, criando um conflito de uso e não uso do recurso de modo a poder protegê-lo.

Torna-se importante desenvolver um plano conjunto de acção, que permita estabelecer um nível enque haja uso do recurso, porém sem estabelecer uma pressão sobre o mesmo.

10. GESTÃO FINANCEIRA DO PARQUE

A gestão efectiva do Parque, pressupõe a disponibilidade de meios e recursos que permitam uma harmonia de sustentabilidade a nível do arquipélago. Quer pela parte das estruturas do Parque no cumprimento das suas actividades de conservação e de acção social, quer também por parte das comunidades locais que precisam de ganhar benefícios da utilização dos recursos do arquipélago, por si ou por outros agentes.

Actualmente verifica-se, que o Parque possui um grande apoio de doadores para estabelecer a sua gestão, e as comunidades adquirem benefícios do desenvolvimento turísticos sob níveis muito baixo e não claramente reconhecidos devido a não aprovação dos regulamentos do parque até então.

Com base nestes factos, há necessidade de adoptar mecanismos, que permitam reter parte das receitas geradas a nível do arquipélago, junto ao Parque e as comunidades locais, bem como a outros agentes a vários níveis.